

## PRÁTICAS DOCENTES EM ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Danielly Cristina Rodrigues Viana-graduanda de Pedagogia UFPI

Érica Suenny Ribeiro-graduanda de Pedagogia UFPI

Francisca Karoline Costa e Sousa-graduanda de Pedagogia UFPI/Bolsista PIBID

Iva Suellen-graduanda de Pedagogia UFPI

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo, apresentar os resultados de questões pertinentes à prática de leitura na sala de aula de uma professora da Rede Municipal de Ensino de regime Integral, atuante no nível de 1º ano de Ensino Fundamental, na cidade de Teresina-PI. A oportunidade de escrevê-lo surgiu a partir da proposta de uma pesquisa de campo da disciplina de Alfabetização e Letramento do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí. Buscando fazer uma apropriação crítica e eficiente sobre assunto, coletamos os dados da pesquisa por meio de questionamentos orais e a observação sistemática da ação intencional em sala de aula. Obtivemos como resultado uma experiência de grande relevância ao nosso processo de formação, na medida em que tivemos o contato com a realidade concreta no espaço das escolas e dessa forma, pudemos articular significativamente teoria e prática que concorrem para a efetivação da formação de leitores eficientes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura; Aprendizagem; Alfabetização e Letramento; Práticas docentes.

### 1. INTRODUÇÃO

Alfabetizar e letrar criticamente um sujeito faz-se uma prática complexa, porém bastante recorrente na contemporaneidade. Desta maneira, o cerne do trabalho reside na compreensão que uma professora faz do seu fazer pedagógico no aspecto da prática de leitura de crianças e como o articula no âmbito da sala de aula, enquanto espaço institucionalizado de trocas sociais e de aprendizagens, uma vez que está imersa diretamente no contexto educacional e articula naturalmente o processo de apreensão da leitura em sua ação cotidiana.

As informações que deram alicerce para a elaboração deste artigo são resultados de inquietações teórico-metodológicas da disciplina de Alfabetização e Letramento, vivenciadas por graduandas do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade

Federal do Piauí (UFPI).

Tal sentença requer do professor um reconhecimento da importância e consequente reflexão sobre o seu fazer pedagógico, articulando-o com os conhecimentos teóricos que a literatura dispõe sobre esta temática. Assim, a partir deste comprometimento com o educando, o professor deverá partir para a análise de seus resultados, traçando um diálogo entre este e o contexto social de aprendizagem de cada um, para que o princípio primordial da educação, sendo o de educar a todos sem distinções sociais, seja assim garantindo, beneficiando e sendo substanciais para ambas as partes que compõem este processo. Sobre este aspecto, Curto coelabora que a “Escrita e leitura são instrumentos, ferramentas, para ter-se acesso e produzir a linguagem escrita” (CURTO p.49, 2000).

Nessa perspectiva, cabe ao educador dispor ao alcance do aluno um leque de possibilidades de construções diferenciadas de linguagem escrita, mostrando-lhe até onde esta se contrapõe e intercala-se a oral, garantindo a este o direito de compreensão e entendimento deste aspecto, como via emancipatória de sua aprendizagem, possibilitando-lhe o ingresso à cultura escrita.

## **2. ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E LEITURA: DA CARTINHA AO LIVRO DIDÁTICO**

Concomitantemente ao desenvolvimento da escrita pelas primeiras civilizações, surge a necessidade de decodificar e codificar os códigos essenciais para a comunicação entre os indivíduos, isto é, o cerne do processo de alfabetização. Ao longo dos tempos essa prática tem sido aprimorada de acordo com os aspectos sociais e culturais de cada sociedade, portanto é um processo mutável. Como afirma Cagliari, ao dizer:

A alfabetização começou no momento em que a escrita foi inventada. Por isso todo sistema de escrita tem uma chave de decifração. Tem regras de decodificação. O segredo da alfabetização está aí: é saber como se lê e se escreve. (CAGLIARI, 2007.p.53)

Assim, no Brasil as práticas de leituras no âmbito escolar foram herdadas dos colonizadores portugueses, mas especificadamente com o ensino dos jesuítas. Estes alfabetizavam através da catequese submetida a Igreja Católica e o método utilizado eram

as cartilhas, que continham os mandamentos de Deus e da Igreja. A primeira “cartinha” que chegou até nosso país foi a do português João de Barros, em 1540. Esse instrumento alfabetizador foi usado durante muito tempo, mas com as devidas modificações, a princípio baseava-se no ensino das letras do alfabeto e sílabas correspondente as “famílias silábicas” (como **BA**, **BE**, **BI**, **BO**, **BU**).

A promoção do aspecto da leitura surgiu muito tempo depois, mas não subsidiava a efetivação da alfabetização, pois a decifração estava baseada em frases sem nexos ou pouco correspondente a realidade social do educando, tipicamente frases como: “Eva viu a uva” ou “A pata nada”, por exemplo. Com isso, as cartilhas não contextualizavam a relação de leitura e escrita, o trato artificial do método e falta de preocupação de promover a aprendizagem significativa ressaltava as primeiras dificuldades do ensino.

Outra etapa essencial nas práticas de alfabetização foi à cópia, a transcrição de palavras do quadro negro para o papel, essa atividade docente acontece desde a antiguidade e perdura até os dias atuais, sendo utilizada para facilitar a consolidação da escrita, o traçado das letras, assim como a estruturação de frases e textos, o espaçamento e disposição das palavras.

No século XX, o recurso didático é diferenciado, saem de cena as cartilhas para darem espaços ao livro didático, o que desvaloriza o papel do professor na alfabetização. Consequente a essa prática o educador fica limitado a seguir as instruções pedagógicas, reduzindo o seu papel a mero reprodutor de ideais.

Em contraponto a estas práticas obsoletas, mas muito frequentes na contemporaneidade, encontramos a proposição que o educador deve busca no reconhecimento de seus alunos a fonte de seus métodos e ações sobre o seu fazer. A isto se soma a premissa de que conhecendo a realidade do seu educando o professor terá a oportunidade de propiciar ações delineadas segundo o contexto das aprendizagens que estes possuem, partindo então para o alcance dos seus objetivos.

O primeiro passo para compreendermos os delineamentos da aprendizagem da criança pequena é o entendimento de que esta, a partir do contato experimentado que

executa, tem a possibilidade de aprender conhecimentos efetivos que favoreçam o desenvolvimento de seu aspecto social, afetivo, motor e cognitivo, favorecendo e enriquecendo suas leituras de mundo, como um todo. Assim, torna-se tarefa imprescindível do educador, fornecer nutrientes consistentes a essa construção, através de uma atitude reflexiva frente à sua prática e dos objetivos que pretende atingir para seus alunos, dotando-se assim, de conhecimentos que resultem da articulação da dimensão teórica e prática pertinente à sua ação de desvelar o conhecimento. Para Curto (p.59,2000):

Isso significa que crianças de Educação Infantil e Ciclo Inicial têm conhecimentos e procedimentos muito consistentes para entender, compor e escrever- ou ditar- textos complexos, ou podem tê-los, se as pomos em contato com tais textos. (CURTO, p.59, 2000)

A importância do “conhecer” o educando, é resultado da concordância que há sobre o aspecto de que cada indivíduo traz consigo uma leitura própria de mundo, permeada pelas vivências e experiências com as quais obteve, a partir da relação afetiva que estabeleceu com o outro, com o conhecimento e com o mundo que o cerca. Naturalmente, a prática do professor deverá incidir sobre esta afirmativa, pois a partir de uma contextualização da aprendizagem individual dos sujeitos é que se poderá partir para procedimentos efetivos à suas compreensões e avanços.

Quando a prática do professor é pensada de e para os educandos, o trabalho com textos de usos sociais se faz viabilizadora da aprendizagem da linguagem escrita significativa. De acordo com Locke (1978) O aluno, por sua vez, estabelece hipóteses ao conteúdo estudado, (uma vez que não é “uma tábua rasa”), articulando-o com a realidade, dando-lhe usos imediatos e constituindo assim uma compreensão sólida, prática e substancial da atividade de leitura e escrita que executa.

No caminho oposto a esse ideal, é factual que muitas escolas, em seu processo de ensino/aprendizagem, utilizavam-se na Educação Infantil, o ensino de monossílabas pouco variáveis e significativas para os alunos subestimando o nível de compreensão das crianças, atribuindo-lhes atividades que não as desafiavam a pensar, desestimulando-as a se envolverem e penetrarem no universo da leitura. Nesta mesma linha de pensamento, eram ensinadas as crianças sons isolados (através das sílabas) que quando articulados não forneciam nenhum sentido, uma vez que aprendizagem era mecânica e acrítica, perdendo assim a essência da linguagem como meio primordial de comunicação. Sobre tal, Curto

elabora que:

Isso não apenas parece menosprezar a capacidade infantil para interpretar e produzir textos, mas também se corre o risco de omitir o aspecto fundamental da linguagem escrita: que é um instrumento para a comunicação. (CURTO, 2000, p.66)

Para que o professor exerça práticas que concorram para uma aprendizagem significativa do educando, é primordial que se detenha de conceitos sobre o que é ler e escrever e como essa aprendizagem ocorre na criança, partindo do conhecimento e percepção que esta constituiu mediada por relações de experiência com o outro, com o conhecimento e assim com o mundo. Na perspectiva de Curto (p.68, 2000), “Uma aprendizagem significativa é aquela que se incorpora a um pensamento e o modifica para melhorá-lo”.

Havendo a compreensão deste ideal, o autor supracitado prossegue:

Escrever e ler são atividades que servem para poder comunicar-se, para expressar ideias, experiências, opiniões, sentimentos, fantasias, realidades, e para ter acesso ao que os demais seres humanos, ao longo do espaço e do tempo, viveram, pensaram e sentiram. (CURTO, p.69, 2000)

Esta concepção remete ao educador pensar que tal construção ocorre diariamente e que o importante não é priorizar o acerto e sim as tentativas e hipóteses que o aluno constituiu na formulação de um assunto, ideia ou considerações que dispôs para resolução de uma dada problemática, pondo-os constantemente em contato com o “pensar”. Com base no esforço que este executa sobre o seu processo de produção, faz com a aprendizagem ocorra espontaneamente, levando-o a construir textos cada vez mais orientados, ricos, consistentes e assim, significativos.

Nessa perspectiva, para viabilizar tais práticas docentes, se faz necessários que estes estejam engajados em um processo dialógico e colaborador, no sentido de que, o trabalho grupal confere a escola um caráter emancipatório e democrático em que o grupo discute pontos de vistas e buscam, a partir destes, inferir de forma positiva no avanço de todos que constituem o projeto educacional.

Tal abordagem concorre para a importância da formação de leitores conscientes, críticos e participativos, servindo de instrumento social, cultural e político para os sujeitos. Quando o aluno é posto para ler, produz sentidos, alterando o seu modo de pensar e estruturando novas formas de ser e de perceber o mundo e as relações que nele estão

inseridas. Sobre esta afirmativa, GROTTA (p. 133,2008) discorre que:

Dessa forma, a relação texto/leitor constitui-se no espaço interlocutivo da leitura: o leitor, ao produzir sentidos a partir da leitura, constitui-se por meio dela, modificando seu modo de pensar a respeito de si mesmo, do mundo e de suas relações: (trans) forma-se. (GROTTA, 2008, p. 133)

Outro aspecto relevante nesta apreensão da leitura e escrita nas crianças pequenas é o uso dos livros de história na rotina da sala de aula. A partir destes, as crianças exploram a oralidade, leituras de mundo, vivências, ilustrações e aguçam suas curiosidades, que são permeadas e intrinsecamente interligadas ao entendimento da cultura letrada as quais pertencem.

O despertar desta curiosidade a despeito do que estar sendo lido, é um grande desafio para o professor, pois este será responsável pelo gosto e interesse em descobrir e decifrar o que estar escrito, desvelando curiosidade e instigando a aprendizagem do sujeito.

Teberosky afirma que:

As histórias, poemas, canções ou adivinhações que mais agradam ampliam a ressonância pessoal através da conversação, do desenho, da dramatização, etc. Por exemplo, as crianças podem representar uma história, mimicamente, enquanto ela está sendo contada, podem preparar uma exposição com as diferentes versões de uma história popular, ou podem ditar suas opiniões para confeccionar um mural com elas. (TEBEROSKY, 2003, p.178).

Portanto, para iniciar um contato afetivo da criança com o mundo da leitura e escrita se torna preciso que o professor articule tais objetivos a histórias, desenvolvendo várias atividades que concorram ao estímulo destes, estendendo-os para toda sua trajetória escolar.

### **3. METODOLOGIA**

Buscando o alcance das disposições que delineiam a prática de leitura e contexto da sala de aula, partimos para a análise dessa realidade, engajando-nos na coleta de dados que supram problemáticas teóricas traçadas e levantados pela urgência da articulação teórica/prática, que tal premissa impõe ao educador que reflete, constrói e reconstrói sua ação cotidiana. Partindo de nosso contato teórico para a abrangência e apropriação das vivências de leitura e escritas do ambiente educativo escolar, utilizamos a pesquisa de campo visando à atuação na prática cotidiana educacional institucionalizada. Nesse caso, afirma Gonsalves (2005, p. 67) que, “denomina-se pesquisa de campo o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada”.

Assim, para a constituição dos resultados de nossa pesquisa, diante dos objetivos previstos, optamos pela pesquisa descritiva, sendo de cunho qualitativo, segundo a natureza dos seus dados. Sobre tal aspecto, Gonsalves (2005), discorre:

A pesquisa descritiva objetiva escrever as características de um objeto de estudo. Dentre esse tipo de pesquisa estão as que atualizam as características de um grupo social, nível de atendimento do sistema educacional, como também aquelas que pretendem descobrir a existência de relações entre variáveis. (GONSALVES, 2005, p.65)

Por sua vez, a pesquisa qualitativa preocupou-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica. (GONSALVES, 2005, p.68)

Para tanto, utilizamos o método da observação sistematizada dos dados relevantes da pesquisa, bem como a entrevista, tanto sob a ótica oral, quanto na escrita, tendo como mártir deste processo, o papel das relações sociais estabelecidas e norteadoras da ação educacional da instituição pesquisada.

Para compreendermos como se dá a organização da prática pedagógica, sob o aspecto da ação de ler e escrever no espaço da sala de aula fez-se necessária uma observação e entrevista com uma professora de uma escola pública de Teresina, bem como um sistematizado processo de observação no campo, para que pudéssemos articular suas compreensões acerca da ação de alfabetizar e letrar com os conhecimentos valiosos que a literatura sobre a temática dispõe.

De tal modo, para garantir uma articulação teórico-metodológica efetiva, diante dos seus objetivos foram sugeridas algumas nuances fundamentais nesse processo de ensino/aprendizagem que contemplam devidamente esta pauta: a rotina de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental; A concepção adotada sobre o conceito de alfabetizar e letrar e como articula essa prática em sala de aula.

#### **4. ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Assim, para darmos ao trabalho uma maior veracidade, credibilidade e riqueza dos dados, optamos por expor sistematicamente as informações coletadas a partir da entrevista realizada com a professora e a observação das práticas de leitura dos alunos durante as aulas.

O ambiente da sala de aula, em partes, não era propício a despertar a curiosidade da criança frente aos instrumentos de leitura. Desta forma observou-se que suas atividades e produções constituíam o espaço da sala de aula, eram expostas nas paredes juntamente com a “Chamadinha”, desenhos e pinturas por eles elaboradas. Porém, apesar deste contato visual, o acesso aos livros de histórias era restrito, uma vez que não possuíam guardados fora do alcance das crianças, inviabilizando o seu manuseio, refletindo negativamente na construção de novos leitores.

A professora iniciou seu discurso ponderando sobre a importância que a apropriação da leitura tem na vida do educando, em seu aspecto social, cognitivo e afetivo. Seguindo essa perspectiva, orienta o seu trabalho em metodologias contemporâneas de ensino, buscando formar o aluno crítico, reflexivo e ativo, que percebe e transforma o mundo em que vive.

A metodologia adotada pela educadora, portanto, é a utilização de livros infantis e didáticos, utilizando-os na recontagem de histórias, interpretação de desenhos e interpretação escrita. Assim, desenvolve o seu “Projeto de Leitura” nessas atividades, que são articuladas diariamente.

Nessa perspectiva, sua ação pedagógica é efetivada com vídeos e músicas (que envolvem conhecimentos de português e matemática) infantis, jogos educativos, atividades fotocopiadas, produção de texto (com caderno meia-pauta), ilustração de histórias, ditado de Palavras, quebra-cabeças e caderno de caligrafia, alicerçando estas atividades na socialização dos dados interpretados pelas crianças.

A instituição conta ainda, com o projeto municipal de leitura “Quali Escola”, que oferece livros que orientam o desenvolvimento de trabalhos que despertem uma leitura crítica no aluno. Já o planejamento trabalhado na escola é constituído pelos professores, de caráter geral (com validade de 02 ‘dois’ meses) e um específico (com validade de 01 ‘uma’ semana).

Sua aula iniciou por uma roda de leitura em que contou uma história infantil “Mulan” (baseada em uma lenda chinesa), começando pela antecipação de parecer sobre a história pelo título em que os alunos deviam discorrer sobre o que imaginavam tratar a história e depois ficar atentos a todo o momento para suas indagações a despeito da mesma.

Essa prática é indispensável para aguçar a curiosidade do aluno e conhecer suas percepções e apreensões de si e do mundo, com base nas vivências e experiências que possui, estimulando assim a imaginação, raciocínio e criatividade, bem como viabilizando o aspecto de perceber as formas de compreensão dos alunos.

Por seguinte fez um exercício de desenho dos personagens, em que os alunos que “soubessem” (de acordo com a fala da professora) deveriam colocar o nome da história e desenhar seus respectivos personagens em uma folha em branco com lápis de cor, distribuídos pela professora, uma vez que muitos não trazem de casa materiais escolares. Sobre tal, vemos que a professora utiliza-se da recontagem pelo aluno das representações que constituiu acerca da história trabalhada, manifestando assim suas expressões individuais constituídas no campo social e afetivo da sala de aula.

Ao final da aula, entregou uma atividade de casa, que sob nossa análise, é um exercício mecânico e sem significado para o educando, desconsiderando a capacidade crítica, depreendendo pouco nível de compreensão, não promovendo a formulação de hipóteses, uma vez que, utilizava-se de perguntas mecânicas e respostas pouco significativas.

Um dos grandes desafios que encontra à concretização dos seus objetivos, e de toda a escola como um todo, é a ausência da família no processo de acompanhamento da aprendizagem e desempenho dos alunos, desmembrando e fragilizando o processo de desenvolvimento dos mesmos. Em outra vertente encontra-se a falta de interesse dos alunos pela leitura causada pelo estímulo não despertado pela professora, gerando disparidades em sala de aula e a dificuldade de despertar o gosto diante do mesmo.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Iniciamos o presente artigo com o objetivo de compreender como é repassada a cultura letrada em âmbito escolar, partindo da observação sistematizada, do fazer pedagógico de uma professora de seres iniciais no aspecto da prática de alfabetização e leitura, analisando como a mesma o articula no âmbito da sala de aula, enquanto espaço institucionalizado de trocas sociais e de aprendizagens.

Diante da vivência que tivemos com a didática e metodologia dessas práticas, é perceptível que há muito a ser feito para a construção de leitores e conseguir por em

exercício alguns elementos que traz consigo a real intenção, de promover um ensino que produza uma aprendizagem significativa para o educando.

Nessa perspectiva é fundamental que os professores consigam motivar seus alunos para a imersão consciente no mundo letrado, que envolve o contato com um amplo repertório de tipos textuais com usos sócias, levando a uma apreensão substancial deste conhecimento. Para isso é preciso que essas crianças tenham experiências diretas, repetidas e habituais, de verem adultos lendo para elas, de ver desvelar sua curiosidade e ter a oportunidade de fazer suas próprias produções e interagir com a de outros, isso com certeza irá desencadear um resultado positivo neste processo.

Em linhas gerais, a pesquisa realizada foi de grande relevância a nosso processo de formação na medida em que tivemos o contato com a realidade concreta no espaço das escolas e antes de tudo, pudemos articular significativamente a teoria e prática que concorrem para a efetivação e formação de leitores eficientes e como suporte para o alcance e cumprimento de tal tarefa.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização: O Duelo dos Métodos. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da (Org). **Alfabetização no Brasil**: questões e provocações da atualidade. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

CURTO, Lluís Maruny; MORILLO, Maribel Ministrál; TEIXIDÓ, Manuel Miralles. **Escrever e Ler**: Como as Crianças Aprendem e como o Professor pode Ensiná-las a Escrever e a Ler. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GONSALVES, Elisa Pereira. Conversas sobre iniciação à pesquisa científica. Campinas, SP: Editora Alínea, 2005 80p. (4ª edição)

GROTTA, Ellen Cristina Baptistella, Formação do Leitor: importância da mediação do professor. In: LEITE, Sérgio Antônio da Silva (Org). **Alfabetização e Letramento**: Contribuições para as práticas pedagógicas. 4ª ed. Campinas, SP: Komedi, 2008.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a Ler e a Escrever**: Uma Proposta Construtiva. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LOCKE, John. **Ensaio Acerca do Entendimento Humano**. Trad. Anoar Aiex. São Paulo: Editora Abril. 1978.